



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE PEDAGOGIA**

DANIELA PAULA BALBINOT

**CURRÍCULO E AVALIAÇÃO: UM ESTUDO DOS PARECERES
DESCRITIVOS DE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ERECHIM**

**PARECERES DESCRITIVOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM X
CONTEÚDOS DE ENSINO**

**ERECHIM
2015
DANIELA PAULA BALBINOT**

**CURRÍCULO E AVALIAÇÃO: UM ESTUDO DOS PARECERES
DESCRITIVOS DE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ERECHIM**
PARECERES DESCRITIVOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM X
CONTEÚDOS DE ENSINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, como requisito para obtenção do título de Pedagoga.

Orientador: Prof. Ma. Lidiane Limana
Puiati Pagliarin

**ERECHIM
2015**

DANIELA PAULA BALBINOT

CURRÍCULO E AVALIAÇÃO: UM ESTUDO DOS PARECERES
DESCRITIVOS DE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ERECHIM
PARECERES DESCRITIVOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM X
CONTEÚDOS DE ENSINO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientador: Prof. Ma. Lidiane Limana Puiati Pagliarin

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 02/12/2015

BANCA EXAMINADORA

Lidiane Limana Puiati Pagliarin

Prof. Ma. Lidiane Limana Puiati Pagliarin- UFFS

Cristiane Câmara

Prof. Especialista Cristiane Câmara- IFRS

Edite Ribeiro da Luz

Profe. Especialista Edite Ribeiro da Luz-UFFS

Para minha família.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, em que chego à conclusão deste árduo trabalho e em meio à satisfação pessoal e profissional, há algumas pessoas que gostaria muito de agradecer, pois atuaram direta ou indiretamente na execução deste projeto.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Professora Lidiane Limana Puiati Pagliarin, que me acolheu de braços abertos depois de um momento turbulento e sem esperanças, que com paciência e força de vontade, tornou-se colaboradora fiel do trabalho.

Ao meu noivo, Evair Bonatti, que se manteve junto a mim nos momentos de cansaço, de exaustão, de impaciência, de nervosismo, compreendendo-os, o meu eterno amor.

À minha mãe, Maria Rosa Balbinot que me ensinou que na vida tudo é passageiro, que nunca é tarde para recomeçar, que não existe dor que não se pode suportar, que na vida, é preciso sorrir e dançar, mesmo que se esteja com dores nos pés, a minha eterna admiração.

Às amigas que foram criadas durante o curso e que talvez agora já não mais serão frequentes os encontros, mas que, ao final, as boas lembranças permanecerão. Amigas de coração que, mesmo sem cooperação direta, sempre estiveram com um ombro amigo para ouvir minhas lamentações, obrigada.

Às diretoras da Escola de Educação Infantil de Imersão Bilíngue Tutti Bambini, em que trabalho, Cátia e Luana, que sempre abertas ao diálogo e dispostas a ajudar, entenderam os impasses e saídas para orientação, muito obrigada.

À escola, que com disposição, cedeu os pareceres para a realização da análise.

“NÃO HÁ SABER MAIS OU SABER MENOS: HÁ SABERES DIFERENTES”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho apresenta e discute os resultados de uma investigação sobre os pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem nos dois primeiros anos do ensino fundamental de nove anos de uma escola pública do município de Erechim. A avaliação da aprendizagem ainda é pouco discutida dentro das escolas, mesmo sendo de suma importância para os estudantes e também para a instituição de ensino. A avaliação deverá contemplar todas as áreas do conhecimento, uma vez que, através dela é possível detectar dificuldades na aquisição de conhecimentos dos estudantes; além de ser uma forma de o professor rever se a metodologia utilizada foi capaz de cumprir com os objetivos que se pretende alcançar. Dentro de uma abordagem qualitativa, foram analisados vinte (20) pareceres, sendo cinco (5) de uma turma de primeiro ano, cinco (5) de outra turma de primeiro ano e dez (10) de uma turma de segundo ano. A partir deles, foi analisado se os três tipos de conteúdos: atitudinais, procedimentais e conceituais são considerados no momento do registro da avaliação, buscando encontrar elementos contidos nas descrições das professoras, bem como detectar possíveis faltas desses conhecimentos assimilados por parte dos estudantes. Os resultados mostram que os pareceres apresentam quase que exclusivamente conceitos comportamentais, ou seja, conteúdos atitudinais, principalmente nas duas turmas de primeiro ano. Através da análise dos pareceres constatou-se que os professores estão avaliando apenas duas áreas do conhecimento: Língua Portuguesa e Matemática. Levando em consideração a busca de uma avaliação de qualidade, foi detectada ainda a falta de uma sequência de ideias, repetições de frases e até mesmo pareceres iguais para vários estudantes. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de debates sobre avaliação na forma de pareceres nas escolas.

Palavras-chave: Pareceres descritivos. Avaliação. Conteúdos de ensino.

ABSTRACT

This paper presents and discusses the results of an investigation on the descriptive feedback of learning assessment of the first two years of elementary school of nine years at a public school in the city of Erechim. The learning assessment is still little discussed within schools, even though it is of great importance to students and to the educational institution. The assessment should cover all areas of knowledge, since it helps detect difficulties in students' knowledge acquisition; besides being a way for the teacher to review whether the methodology used was able to meet the objectives to be achieved. Within a qualitative approach, we analysed twenty (20) descriptive feedbacks: five (5) of a first-year class, five (5) from other first-year class and ten (10) from a second-year class. Then, we considered whether the three types of content: attitudinal, procedural and conceptual are taken into account at the time of assessment recording, seeking elements contained in the teachers' descriptions and detecting possible failures in the knowledge learned by students. The results show that the descriptive feedbacks have almost exclusively behavioral concepts, namely attitudinal contents, especially in the two first-year classes. Through the descriptive feedback analysis we found out that teachers are mainly assessing two areas of knowledge: Portuguese and Mathematics. Considering the pursuit of quality assessment, we detected lack of a sequence of ideas, repetition of phrases and even the same descriptive feedback to many students. The results show the importance of debates on descriptive feedback of learning assessment in schools.

Keywords: Descriptive feedback. Assessment. Teaching content.

Sumário

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	AVALIAÇÃO X PARECERES DESCRITIVOS	10
2.1	Aspectos históricos e concepções atuais.....	11
2.2	O que os autores têm produzido sobre pareceres descritivos.	18
3.	CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO E CONTEÚDOS	21
3.1	O currículo	21
3.2	Os conteúdos	25
4.	PARECERES DESCRITIVOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: A NARRATIVA DOS PROFESSORES SOBRE OS ESTUDANTES	27
4.1	Coleta e tratamento das informações.....	27
4.2	A análise dos pareceres descritivos: uma visão mais ampla sobre a escrita.	28
4.3	Os três tipos de conteúdos, atitudinais, conceituais e procedimentais descritos nos pareceres.....	34
5.	PARA FIM DE CONVERSA, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXOS	44

1. INTRODUÇÃO

A avaliação é algo pouco debatido nas instituições de ensino, e se for considerada a avaliação na forma de pareceres descritivos, são ainda mais escassos os debates entre os professores, gestores e estudantes. Logo, compreender o foco de uma avaliação deve ser uma prática diária do professor em sala de aula.

De acordo com Hoffmann (1994), a avaliação é algo que pode aparecer de diversas maneiras, como prova, parecer, boletim, recuperação e também a reprovação. Contudo, ela deve ser algo que favoreça os estudantes em seu crescimento educacional, uma vez que, durante todo o ano letivo, todas as crianças são avaliadas.

O professor tem um importante trabalho ao escrever sobre a aprendizagem do estudante individualmente, levando em consideração o desenvolvimento e atribuição do conhecimento. Deve-se prestar muita atenção nas suas particularidades, descrevendo de forma clara e precisa os conhecimentos por ele construídos.

Dessa forma, a discussão sobre avaliação deve ser algo pertinente em reuniões extraclasse, em debates nas reuniões escolares, dada sua importância para o desenvolvimento do aprendizado da criança, e ainda para a avaliação do próprio professor como mediador do conhecimento. Para Luckesi (2011, p.58), é preciso ver a avaliação como “um recurso subsidiário de nossa ação na busca de melhores resultados possíveis.”

Sob esse foco, Haydt (1997) completa afirmando que é através do sucesso dos estudantes que se pode verificar a eficácia do ensino. Dessa forma, é preciso que se entenda a avaliação como um processo que entremeia a aprendizagem do estudante e a didática utilizada pelo professor. Nesse sentido, percebe-se que

A avaliação da aprendizagem sustenta-se numa proposta e numa ação pedagógica cujo foco de atenção é a formação do educando- portanto, uma concepção construtiva da aprendizagem e, conseqüentemente, do desenvolvimento e da individuação do educando. A prática da avaliação, em virtude de subsidiar a obtenção de resultados desejados e bem sucedidos, depende de uma concepção pedagógica construtiva, seguida de uma execução consistente na obtenção desses resultados (LUCKESI, 2011, p. 144).

Os pareceres dizem muito sobre os estudantes, pois é através deles que podemos verificar os conteúdos, os conhecimentos e seu progresso. Assim, segundo as Diretrizes Curriculares para Educação de Nove Anos, a avaliação deve

ser “processual, formativa e participativa, ser contínua, cumulativa e diagnóstica” (BRASIL, 2013, p. 123).

Desse modo, a importância de se pesquisar a avaliação é descobrir os fatores que a influenciam, os meios que engloba, o seu processo de construção. Essa investigação sobre avaliação visa discutir a sua importância no campo educacional para que novas pesquisas possam ser realizadas levando em consideração a avaliação na forma de pareceres descritivos da aprendizagem.

Para conhecer ainda mais sobre a avaliação da aprendizagem através de pareceres descritivos, buscou-se realizar um estudo, que apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa, na qual foram analisados pareceres descritivos de avaliação da aprendizagem de três turmas de uma escola pública estadual no município de Erechim/RS. Os pareceres descritivos da avaliação correspondem às turmas de primeiro (1º) e segundo (2º) anos referentes ao ensino de nove anos. Ao todo foram analisados vinte (20) pareceres descritivos, sendo dez (10) do primeiro ano e dez (10) do segundo ano. Os pareceres do primeiro ano são de duas turmas distintas; já o do segundo ano é somente de uma turma. Através da análise desses pareceres, pretendeu-se, a partir do objetivo geral, identificar quais dos três tipos de conteúdos de ensino são considerados no momento da sua elaboração.

Este trabalho está dividido em três partes, cada qual com sua importância para a compreensão do tema avaliação, que é tão pertinente nas escolas. Na primeira parte, há alguns aspectos históricos, mudanças em leis e suas influências na avaliação, bem como são abordados o conceito de pareceres e sua importância, sob à luz de alguns autores. Outro aspecto importante nessa primeira parte do trabalho é apontar como cada época influenciou na aquisição de fatores diferentes para a avaliação, a fim de percebermos como ela está sendo concebida atualmente.

Na segunda parte do presente trabalho, discutimos a concepção de currículo, passando pelo explícito e pelo oculto. Ainda, são debatidos os três tipos de conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais.

Na terceira parte do texto, é apresentada a metodologia utilizada para a realização do estudo, além da forma como ocorreu a coleta e a análise dos pareceres, bem como os resultados construídos mediante a análise desse material. Por fim, apresentamos algumas considerações finais a cerca das análises, as referências utilizadas neste trabalho e os anexos.

2. AVALIAÇÃO X PARECERES DESCRITIVOS.

Para falarmos sobre avaliação da aprendizagem, é preciso que se entenda um pouco sobre como ocorreu a sua evolução ao longo dos tempos. Logo, neste capítulo, realizamos uma breve contextualização, desde as primeiras escolas surgidas ainda na chegada dos portugueses ao Brasil, passando pelos períodos da Primeira República, Ditadura, Nova República até o exato momento. Apresentamos, ainda, uma breve discussão sobre os pareceres descritivos da aprendizagem dos alunos, baseada em produções acadêmicas sobre o assunto.

2.1 Aspectos históricos e concepções atuais.

As primeiras escolas surgiram com a chegada dos jesuítas ao Brasil, que buscavam na sua avaliação que os seus alunos, nesse caso os índios, assimilassem os costumes do povo português e se convertessem ao catolicismo, ocorrendo assim um distanciamento e uma ruptura dos seus costumes e tradições. (NUNES, 2012). Não havia um sistema de avaliação instituído nesse período, mas sua configuração se dava a partir da memorização, onde os estudantes decoravam as lições. Aranha (1989, p. 51) relata esse tipo de avaliação como sendo uma “sabatina” e explica que “o ensino jesuítico possuía uma metodologia própria baseada em exercícios de fixação, por meio de repetição, com o objetivo de serem memorizados”. Ao verem os índios como seres desprovidos de qualquer educação ou religião, os jesuítas buscavam integralizá-los à sua cultura que, por sua vez, era completamente diferente.

SANAVRIA (2008) faz uma separação em décadas e mostra como a avaliação foi integralizada de forma diferente, tendo em vista que sua atribuição ocorre de acordo com o período histórico em que se encontra. Assim, os quatro grupos da avaliação são denominados de

Avaliação como medida (décadas de 20, 30 e 40); avaliação como alcance de objetivos (décadas de 50, 60 e 70); avaliação como subsídio ao julgamento (décadas de 60, 70 e 80); avaliação como negociação (a partir da década de 80). (SANAVRIA, 2008, p. 57).

Durante a Primeira República, que teve seu início no ano de 1889, a educação sofreu mudanças significativas. Com a Constituição de 1891, o ensino foi descentralizado e ficou cabível à União a educação superior e secundária (esta caracterizada como uma preparação para o ensino superior), e aos estados a

educação elementar e a profissional. (ARANHA, 1989). Assim, a educação estava fundamentada em uma concepção elitista, em que a educação elementar era deixada em segundo plano.

Na década de 20, iniciavam-se grandes movimentos em prol da população, como greves de operários e a fundação de partidos políticos. Em relação à educação, o nível de analfabetismo era preocupante, pois cerca de 80% da população brasileira era considerada analfabeta e as preocupações se voltavam para que houvesse mais vagas de ensino.

A avaliação durante essa época, conforme Sanavria (2008), contemplava aspectos quantitativos, ou seja, servia única e exclusivamente para medir o que o estudante aprendeu. Essa forma de avaliação torna o professor o centro do processo de ensino, associando os índices de repetência a um professor exigente e com trabalho forte. Outro aspecto relevante dessa forma de avaliar o aprendizado dos estudantes é a ordem classificatória e comparativa dos estudantes, sempre em busca da excelência.

Em 1932, Anísio Teixeira, um dos idealizadores do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, visava à luta por uma escola que realmente contemplasse toda a população. Segundo ele, os professores deveriam pensar nos interesses dos estudantes, fazendo com que a avaliação tivesse o objetivo de favorecê-los; isso porque, a avaliação na perspectiva da Escola Nova, era compreendida como uma etapa da aprendizagem, visando não apenas aos aspectos intelectuais, como também às habilidades e atitudes. O modelo de avaliação que antecedia ao “Manifesto da Escola Nova” era tradicional, estava ligado a provas, exames e não voltado ao estudante, que deveria ser o real foco da aprendizagem. (Carvalho, 2007).

Além desse Manifesto, ocorreram outras manifestações que visavam à melhoria do ensino. A chamada Reforma Francisco Campos instituiu o ensino secundário em dois níveis: fundamental e complementar. O ensino fundamental, com duração de cinco anos e o complementar de dois anos, o qual objetivava o preparo para o ensino superior. (ARANHA, 1989). No que diz respeito à avaliação da aprendizagem, a maneira como o aluno era avaliado, na perspectiva dessa Reforma, se mostrava um tanto quanto rígida. O Decreto de lei nº 19.890/31, em seus artigos nº 34 ao nº 43, caracteriza a forma de avaliação, que permeava todo o ano letivo e era realizada através de provas e trabalhos com atribuição de notas de zero a dez. Este modelo de avaliação da aprendizagem pode ser caracterizado

como “atribuidor de notas”, servindo única e exclusivamente para medir e classificar os estudantes. Durante todo o ano letivo, seriam realizadas diversas provas, de acordo com a disciplina; desse modo, cada estudante seria avaliado em cada uma das disciplinas cursadas e, ao final, para ser aprovado, deveria possuir uma média maior que três.

Durante a era Vargas, que durou de 1930 a 1964, o ministro Gustavo Capanema criou decretos onde novamente o ensino secundário foi modificado. O ensino ficou constituído de um ciclo de quatro anos denominado de ginásio e outro de três anos denominado de colegial. (ARANHA, 1989).

O decreto de Lei nº 4.244/42, chamado de Reforma Capanema, não apresenta novas modalidades de avaliação; sua concepção continua a mesma que foi adotada pela Reforma Francisco Campos. No art. 30, da Lei Orgânica do Ensino Secundário, a Reforma Capanema previa que “a avaliação dos resultados em exercícios e em exames será obtida por meio de notas, que se graduarão de zero a dez”. Perante isso, pode-se perceber que mais uma vez a educação estava voltada para medir a capacidade do estudante.

No que se refere ao ensino profissional durante essa década, o desenvolvimento industrial estava em alta e criaram-se dois modelos de ensino: um deles mantido pelo governo e o outro pelas empresas; criou-se então o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) (ARANHA, 1989). O maior benefício desses dois serviços, sem dúvida, foi a possibilidade do ingresso de pessoas de baixa renda no mercado de trabalho.

No período da ditadura, de 1964 a 1985, surgiram novos olhares para a educação e todos se voltaram para a criação de uma lei específica para a educação, denominada Lei de Diretrizes e Bases (LDB). A Lei n.º 4024 passa então por um longo período de formação, sendo instituída somente em 1961, época em que já estava ultrapassada, devido ao tempo que permaneceu como projeto. (ARANHA, 1989). A LDB de 1961 não faz menção à avaliação para a educação no ensino primário. Somente no art. 39, quando fala sobre o ensino secundário, é que retrata que a avaliação refere-se aos resultados alcançados mediante a realização de provas e exames.

Em 1971, a obrigatoriedade escolar passa para oito (8) anos e não mais quatro (4) anos, como era até então. Essa decisão, referente à Lei 5692/7, “aglutina o antigo primário com o ginasial, [...] é criada a escola única profissionalizante. Para

aqueles que não puderam concluir os estudos regulares, é reestruturado o curso supletivo”. (ARANHA, 1989, p. 256).

Contudo, essa obrigatoriedade de uma educação de oito anos passa a não ser tão eficaz, pois faltavam professores, as escolas não estavam estruturadas adequadamente para que os estudantes pudessem estudar. Com isso, é criado um exército de “mão de obra barata”. (ARANHA, 1989, p. 258). Segundo Aranha, a passagem de cada um dos níveis acarretava a capacidade do indivíduo no mercado de trabalho.

Durante as décadas de 50, 60 e 70, a avaliação por objetivos começou a pensar na reestruturação do ensino e buscou assim, “descobrir se os objetivos foram alcançados e, se não o forem, investigar as razões para tal resultado”. (SANAVERIA 2008, p. 59). Portanto, é necessário que os objetivos sejam bem claros, levando a entender o que os estudantes deverão atingir.

Desse modo, segundo SANAVERIA,

a avaliação por objetivos valoriza, além das tradicionais provas escritas, as entrevistas e as observações, uma vez que considera tais instrumentos válidos para o levantamento tanto de dados quantitativos quanto qualitativos. Os testes não podem ser considerados sem uma visão de conjuntos com os demais instrumentos, pois a essência está no confronto de dados. Isso valoriza, de certa forma, as demais tarefas que o aluno desenvolve no processo de aprendizagem. (2008, p. 60).

Nessa época, surgiram ainda novas disciplinas a serem cursadas pelos estudantes como, por exemplo, a educação física, a educação moral e cívica, a educação artística, o programa de saúde e religião, e as disciplinas de história e geografia, com a denominação de estudos sociais, que era cursada no 1º grau. (ARANHA, 1989). Todavia, a avaliação descrita na Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 4.692/71, propunha que ela fosse realizada em “notas ou menções, preponderarão os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, caso esta seja exigida”.

A terceira etapa de avaliação corresponde às décadas de 60, 70 e 80, e utilizava a avaliação como subsídio ao julgamento. Isso diz respeito a valores e méritos, e deve-se levar em conta a criatividade, as atividades e sua relevância, buscando o mérito da criança. (SANAVERIA, 2008).

Com a chegada da “Nova República”, surgiu o movimento das “Diretas Já”, que idealizava a escolha do presidente através do voto popular, bem como se

preocupava com a valorização do magistério. A partir disso, surge a nova Constituição nos anos de 1987/ 1988, que trazia grandes novidades; dentre elas, a gratuidade de ensino nos diversos níveis, desde a creche até o ensino fundamental. Outros fatores de suma importância dizem respeito à arrecadação de impostos e sua aplicação pela União, pelos Estados e Municípios na Educação e em planos de carreira para o professor.

A avaliação como negociação, que teve início a partir da década de 80, nos remete a uma avaliação que busca encontrar os rompimentos no entendimento do conteúdo. Essa modalidade se caracteriza por dar mais valor, segundo SANAVRIA,

ao processo de elaboração do conhecimento pelo aluno e não só o produto; detecção dos bloqueios, dificuldades e erros a serem trabalhados durante a aprendizagem, do aluno; valorização do erro como um forte indicador do que rompeu o processo de aprendizagem; identificação dos interesses, objetivos e preocupações do professor e do aluno. (2008 p. 62)

As quatro modalidades estão ligadas à forma como o professor e o currículo veem o estudante e para que finalidade querem formá-lo. Dessa forma, vemos que com o distanciamento da centralização do professor como centro do ensino, pensa-se mais no estudante e nas suas particularidades.

Percebe-se, pelo apanhado histórico trazido para o debate, que discutir “avaliação” é desafiador, pois ela contempla uma série de fatos e acontecimentos referentes ao desenvolvimento do aprendizado do estudante e, por vezes, torna-se difícil abranger todos eles. Entretanto, é preciso um bom entendimento de como a avaliação é importante e não deve servir apenas como instrumento para medir e atribuir uma nota sobre o aprendizado do estudante.

De forma breve, até o presente momento, realizamos um debate sobre como ocorreu a evolução da avaliação, sendo que sempre esteve atrelada a fatores que a caracterizavam no âmbito educacional como ponto de enlace do processo de aprendizagem. Em certos períodos, a avaliação tinha apenas o propósito de medir o conhecimento dos estudantes. Somente aos poucos foi se pensando em uma avaliação mais qualitativa, mas esta ainda continuava sendo através de notas obtidas em provas e exames; o que continua ainda acontecendo nos dias de hoje. A seguir, abordaremos a concepção de avaliação mais atual.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Nove Anos, a criança passa a ingressar no primeiro ano do ensino fundamental com seis (6) anos de idade, oriunda ou não da educação infantil. A obrigatoriedade, segundo a Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 - que é uma alteração da Lei de Diretrizes e

Bases(LDB) -, é que a criança frequente a escola dos 4 aos 17 anos. Contudo, estados e municípios possuem um prazo até 2016 para garantir o acesso de todas as crianças nessa faixa etária às creches ou pré-escolas. (LEI nº 9394/96). Dessa forma, existem ainda crianças que não frequentam a educação infantil, ingressando pela primeira vez no primeiro ano.

Com esse ingresso mais cedo na Educação Básica, não se deve desconsiderar as vivências adquiridas até o momento. (BRASIL, 2013). Desse modo, a Educação Básica está organizada em ciclos, que no caso da alfabetização, envolvem os três primeiros anos, e assim, as crianças não deixarão de vivenciar as aprendizagens de maneira lúdica e prazerosa para já pensar em possível reprovação.

A alfabetização deve levar em conta o contexto social da criança, uma vez que o fato de ela possuir ou não acesso à leitura e à escrita, poderá influenciar na sua aquisição. Assim, essa organização em um ciclo que engloba os três primeiros anos acaba por acarretar uma série de mudanças no currículo que, por sua vez, estará mais preparado para atender as diferenças entre os estudantes. (Brasil, 2013).

Nesses termos, os três primeiros anos do ensino fundamental deverão ser capazes de atribuir aos estudantes a alfabetização e o letramento, bem como a aquisição de diversas formas de expressão, introdução às artes, à matemática, às ciências, à história, à geografia, à educação física e à literatura. (BRASIL, 2013).

O professor, por sua vez, deve avaliar o aprendizado em todas as áreas do conhecimento e não somente “atribuir” nota, levando em consideração a leitura, a escrita e o cálculo. Segundo Luckesi (2008), a avaliação deve ter caráter relevante, adquirindo mais qualidade. Segundo o autor, o juízo da avaliação se dará levando em consideração a real finalidade da mesma, uma vez que para “avaliar a aprendizagem de matemática, não serão observadas condutas sociais do educando” (2008, p. 33). Só se chegará ao entendimento do conhecimento adquirido, utilizando mecanismos específicos da área da matemática.

Por esses três anos estarem organizados em ciclo, não quer dizer que durante esse período a criança não reprovará. Acontece que os estudantes terão tempo para apoderarem-se dos conteúdos programáticos. Não se trata, como nos dizem as Diretrizes Curriculares Nacionais, de “promoção automática”, visto que a reprovação caracteriza um maior teor de evasão escolar.

É de responsabilidade da escola e do professor encontrar meios para que o estudante possa recuperar e superar a dificuldade encontrada na construção do conhecimento. (BRASIL, 2013). Dessa forma, a própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB), art. 24, inciso V, afirma que a “avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos [...]”. Outro aspecto importante é que a avaliação deve ser formativa e “deve ocorrer durante todo o processo educacional, uma vez que deve diagnosticar quais as potencialidades e detectar eventuais dificuldades de aprendizagem”. (BRASIL, 2013, p. 123).

Acima de tudo, ao falarmos em avaliação, precisamos levar em consideração as particularidades de cada estudante. Nesse sentido, segundo Luckesi, (2011) a prática da avaliação tem como ponto de partida uma ação intencionalmente planejada. Além disso, sempre estará relacionada a um julgamento sobre o ensinamento e o conhecimento atribuído pelo estudante, relacionando e envolvendo conhecimentos prévios sobre o que ele é capaz de aprender. (BRASIL, 2013, p. 123).

Ainda, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Nove Anos, a avaliação contínua é constituída de várias formas, que podem ser as atividades individuais, os trabalhos realizados em sala de aula, organizados em portfólios, também os trabalhos coletivos, bem como as provas. Assim, essa avaliação:

constitui um instrumento indispensável do professor na busca do sucesso escolar de seus alunos e pode indicar, ainda, a necessidade de atendimento complementar para enfrentar dificuldades específicas, a ser oferecido no mesmo período de aula ou no contra turno, o que requer flexibilidade dos tempos e espaço para aprender na escola e também flexibilidade na atribuição de funções entre o corpo docente. (BRASIL, 2013, p. 123).

O registro da avaliação é algo que merece muita atenção e cuidado na hora da sua execução, para que não haja precipitações na escrita, pois ela deve estar baseada em um conceito investigativo e interventivo no processo de aprendizagem da criança. (LUCKESI, 2011). A prática da avaliação não deve ser utilizada como classificatória, mas como diagnóstica, possibilitando rever conceitos didáticos e metodológicos em execução.

Contudo, precisamos ter cuidado com prejulgamentos que, muitas vezes, são realizados usando as classes sociais, e “conduzem o professor a não estimular

devidamente certos alunos que, de antemão, ele acredita que não irão corresponder às expectativas de aprendizagem”. (BRASIL, 2013, p. 123). Nessa premissa, é necessário que se faça a investigação para que se conheça o estudante e, ao conhecê-lo, se possa agir sobre ele. (LUCKESI, 2011). Desse modo, a avaliação torna-se um instrumento de investigação que nos auxilia na conscientização sobre nossas práticas pedagógicas.

Através da avaliação é que os estudantes e também os pais têm a possibilidade de rever e identificar as suas dificuldades; é uma forma de a escola também se avaliar na busca de um melhor atendimento aos estudantes. (BRASIL, 2013). Ainda hoje, se pensa muito na avaliação tradicional, que ocorre através de julgamentos comportamentais, e de provas que levam em consideração somente a nota tirada no exato momento, sem prestar a devida atenção na evolução do estudante. Dessa forma, se é dado importância somente ao resultado da avaliação dos estudantes, introduza-se fatores que não favorecem como se deu o processo de aquisição do conhecimento pelos estudantes. (BRASIL, 2013).

2.2 O que os autores têm produzido sobre pareceres descritivos.

Ao pensarmos em avaliação de aprendizagem, sem a utilização de provas e exames, buscando a qualidade sobre a quantidade, lembramos uma forma conhecida, entretanto, misteriosa no seu conteúdo: os pareceres descritivos. Ao descrever sobre alguém, leva-se em conta que essa descrição nem sempre estará correta, por ser uma tarefa um tanto quanto árdua, pois vários elementos devem ser levados em consideração. Descrever o aluno é um desafio para o professor, uma vez que é preciso descrever seu desempenho nas atividades, bem como realizar uma interpretação dos possíveis, ou não, avanços no processo de aprendizagem (Souza, 2007). Assim, “a avaliação da aprendizagem deveria servir de suporte para a qualificação daquilo que acontece com o educando [...], como agir para ajudá-lo a alcançar o que procura”. (LUCKESI, 2008 p. 58).

A utilização de pareceres descritivos torna a avaliação formativa, podendo auxiliar o aluno e o professor no entendimento de suas ações. (PERRENOUD, 1999). O ato de avaliar deve ser algo importante e precisa ser realizado no dia a dia do professor em sala de aula. As atitudes dos estudantes perante algo novo, desafiador, devem servir de elemento para a construção de métodos para a

resolução de problemas que porventura vierem a surgir. Compreender de que forma os estudantes chegaram às conclusões para a resolução de problemas e questões voltadas à aprendizagem também faz parte do processo de avaliação.

Em vista disso, para elaborar os pareceres descritivos, os professores, chamados de avaliadores, devem levar em consideração uma série de critérios que, ao final do processo educativo, terão seu respectivo valor. (SOUSA, 2007). A organização desses critérios pode ser preparada pelo grupo oriundo da escola onde esse professor trabalha, seguindo as orientações nacionais. (BRASIL, 2013). De acordo com Luckesi, (2008, p. 33), a avaliação “é um juízo de valor, o que significa uma afirmação qualitativa sobre um dado objeto, a partir de critérios pré-estabelecidos.”

Os pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem falam muito dos estudantes, ou pelo menos deveriam falar. Segundo Sousa (2007, p.95), o avaliador, nesse caso, o professor, é um “interprete, que traduz a avaliação em pareceres descritivos da aprendizagem, que são fontes ricas de informações dos alunos”. Assim, deve-se realizar a avaliação de modo a concretizar o processo de ensino e aprendizagem, elevando-a a um patamar de suma importância para a educação.

Segundo Sousa (apud VIANNA, 2000), o professor é, além de um avaliador, um cientista e um pesquisador. Nesse caso, ele deve possuir a consciência de que, no processo de avaliação, é necessário levar em consideração alguns elementos que favorecerão o ato de avaliar, tais como “ler e interagir informações, analisar avaliações anteriores, desenvolver planejamentos, construir e selecionar instrumentos necessários, interpretar e estabelecer conclusões, elaborar relatórios e discutir os dados” (SOUSA, 2007, p. 95 apud VIANNA, 2000). Luckesi (2008 p. 93) completa essa afirmação relatando que “o ato de avaliar implica coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação.”

Com base nessas informações, percebe-se que o ato de avaliar é complexo e insubstituível, e um “excelente mecanismo subsidiário da condução da ação”. (LUCKESI, 2008 p. 94). Quem deve realizar a avaliação é o professor, pois ele, mais do que ninguém, conhece seus alunos. “Analisar avaliações anteriores” deveria ser muito frequente nas escolas e entre os professores, já que determinado aluno de um respectivo professor, no ano seguinte, será aluno de outro professor. Através da leitura dos pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem desse aluno, o professor seguinte poderá compreendê-lo melhor. Não estamos falando aqui de prejulgamentos, mas da necessidade de ter um embasamento sobre o estudante, conhecer suas dificuldades em relação à aprendizagem, saber como lidar com

situações desafiadoras, entre outras questões que podem vir há aparecer no parecer descritivo sobre a aprendizagem.

Outro ponto de suma importância é o fato de que o professor deve “construir e selecionar instrumentos necessários, bem como interpretar e estabelecer conclusões”. (SOUSA, 2007, p. 95 apud VIANNA, 2000). Ao construir e selecionar instrumentos para a avaliação, o professor estará tornando a avaliação mais construtiva, pois não parte do nada, mas possui argumentos e métodos que facilitarão o ato de avaliar. Ao tirar conclusões do seu processo de avaliação, ele estará integralizando o seu trabalho de avaliador. Portanto, segundo Luckesi (2008), avaliar deve ser um momento em que o professor, nesse caso avaliador e pesquisador, “julgue” a sua prática.

Elaborar pareceres é um exercício de formação de um professor avaliador, que favorece a interpretação, a comunicação e discussão dos resultados obtidos ao final da sua elaboração. Os pareceres devem ser capazes de contemplar os saberes, as habilidades e as competências dos estudantes. (SOUSA, 2000).

Para Pinheiro (2006, p. 21), os pareceres possuem a finalidade de verificar se os objetivos foram alcançados no decorrer do ano letivo, e “podem ser reconhecidos como narrativas escolares, uma vez que esses documentos narram os/as alunos/as [...]”. A esse respeito, Sousa (2000, p.100) afirma que

uma das funções do parecer de avaliação é, necessariamente, a de informar os processos intelectuais do alunos, seus conhecimentos, suas lacunas, seus raciocínios, seus modos de aprendizagem, tornando coerente o uso do parecer em uma prática formativa de avaliação.

Nesse sentido, o parecer descritivo da avaliação da aprendizagem pode ser entendido como um poderoso meio de compreensão de como os estudantes adquirem ou assimilam os conhecimentos ao longo do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Luckesi (2008 p. 28), “a avaliação da aprendizagem escolar, em particular, são meios e não fins em si mesmas”. Contudo, é necessário que se compreenda com que finalidade os pareceres são descritos, uma vez que muitos deles são elaborados para que os pais saibam quais dos comportamentos do seu filho (a) na escola. Assim, ao olharmos de forma mais crítica para os pareceres, podemos verificar que muitos deles descrevem o comportamento dos estudantes na escola, o que determina uma narrativa das suas atitudes.

3. CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO E CONTEÚDOS

A avaliação faz parte do currículo da escola e é através dela que é organizada a forma como os alunos serão avaliados no processo de ensino-aprendizagem. Conhecer o currículo é de suma importância para que se integralize um ambiente em que a avaliação seja realizada de forma a somar em conhecimentos aos estudantes. Conhecer o currículo é compreender o caminho e o meio por onde a escola deve andar.

Desse modo, durante esse capítulo, abordaremos o conceito de currículo, os três tipos de conteúdos presentes dentro da escola, começando pelo currículo, seguindo para os conteúdos..

3.1 O currículo

Ao falarmos em currículo, devemos pensar em um aglomerado de concepções voltadas à educação, aos seus fatos e às suas divergências. A palavra **Currículo** não apresenta somente um significado/ concepção em educação. Pode sofrer com fatores externos como, por exemplo, os socioeconômicos, as questões políticas e culturais, e ser entendido como os conteúdos que deverão ser ensinados pela escola e aprendidos pelos estudantes. Ainda pode sofrer com fatores internos, dentre eles, a adoção e a utilização dos livros didáticos.

A utilização do livro didático está prevista na Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9394/96, mais precisamente no art. 4º, inciso VII, que ressalta ser “dever do Estado a educação escolar pública [...] e garantia de atendimento do educando no Ensino Fundamental, por meio de programas suplementares de material didático [...]” (BRASIL, 1996, p 3). O uso do livro didático está relacionado ao processo de ensino-aprendizagem; entretanto, não é o único meio para se chegar a ele, uma vez que o professor deverá utilizar outros recursos e fontes para complementar sua prática pedagógica.

A utilização do livro didático não caracteriza falta de qualidade ao ensino, visto que a sua utilização está prevista na lei nº 9154/85, conhecida como Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). No entanto, essa mesma lei estabelece que os

livros didáticos devam sofrer avaliações para uma melhor qualidade. Em 21 de fevereiro de 2001, a resolução nº 603 foi criada para que houvesse um ponto norteador e regulador na qualidade dos livros didáticos, segundo o qual, os livros didáticos devem ser revisados regularmente, sempre levando em consideração a participação de professores na sua elaboração.

Todavia, sabe-se que são elaborados por editoras, que participam de licitações, para depois serem distribuídos pelo PNLD às escolas públicas. O interesse das editoras em possuírem o direito de fabricação dos livros acarreta em uma deficiência na sua qualidade, uma vez que não contam com a participação dos professores na sua elaboração. Outro fator que influencia em sua qualidade é a falta de preparo dos professores perante sua seleção. (VERCEZE; SILVINO, 2008). Os professores e as escolas acabam por aceitar o livro didático, adotando-o como meio principal do processo de ensino-aprendizagem.

O currículo pode ainda ser influenciado por fatores internos, caracterizados como, por exemplo, pelas experiências de aprendizagem escolar, passando pelos planos pedagógicos, elaborados por professores, pelas escolas e também pelos sistemas educacionais. Além disso, se baseiam nos objetivos que se pretende alcançar através dos processos educativos, e também nos métodos de avaliação. (MOREIRA; CANDAU, 2007).

Logo, percebe-se que o currículo não é apenas um elemento, estando presente em qualquer ato ou atitude dentro de uma sala de aula ou escola. Se juntarmos todas essas questões, pensaremos num currículo que envolva as “experiências escolares que se desdobram em torno dos conhecimentos, em meio às relações sociais e que contribuem para a construção das identidades de nossos estudantes” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p.18).

Segundo Moreira e Candau (2007, p. 18), o currículo é um “conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas” e sua utilização é uma conscientização de que existe um documento que norteia os professores na construção do conhecimento. Os autores, ainda, afirmam que ele “é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura”. Nesse sentido, compreende-se a importância de um currículo que leve em consideração a comunidade onde a escola está inserida. Com isso, busca-se passar aos estudantes a compreensão das diferenças sociais.

Nesse viés, Luckesi (2011, p. 89) se refere ao currículo como “a expressão da ciência do presente traduzida para as possibilidades de assimilação dos educandos

em suas diversas faixas etárias e em seus diversos níveis de desenvolvimento”. Desse modo, para ele, o currículo deve ser pensado para envolver cada idade de acordo com aquilo que ela possa desenvolver.

Vale destacar ainda que nem sempre o currículo está apresentado de forma explícita em planos pedagógicos e em cadernos. Ele pode estar presente nas atitudes, nos valores, nas relações entre colegas de sala, nas relações de respeito e de interação entre professores e estudantes; é o chamado currículo oculto. (MOREIRA; CANDAU, 2007). Ainda, ele pode se fazer presente em atividades cotidianas, como fila, regras, organização de materiais e espaços, bem como na maneira como são tratados os professores por parte dos alunos, nas formas de agrupamento em sala de aula, que dispõem as cadeiras de forma diferente da fila tradicional. Esse currículo é algo que não está escrito em lugar nenhum, mas que existe e está presente diariamente na escola, e que diversas vezes é mais praticado que o formal.

Podemos pensar no currículo como algo norteador, na base para todo processo educativo, ou ainda, como nos diz Moreira e Candau (2007, p.19), como “o coração da escola”, bem como um meio para formação do educando (LUCKESI, 2008).

É através do currículo que podemos chegar à concretização de uma escola justa e democrática, na qual todos terão direito a todos os conhecimentos escolares, onde todas as crianças com suas particularidades serão bem-vindas e terão seu importante lugar. Entretanto, a escola deve estar preparada para integrar os estudantes e facilitar o acesso a todos os saberes, pois o que acaba acontecendo é que os conhecimentos escolares são vistos como elementos para a avaliação e, assim, tende-se a ensinar o que pode ser avaliado. (MOREIRA; CANDAU, 2007).

O conhecimento escolar é parte fundamental no debate sobre currículo. A construção do conhecimento por parte dos estudantes é o resultado de uma seleção dos conteúdos, organizados previamente pela professora, cuja organização deve ser feita de forma consciente e comprometida com a evolução dos estudantes, para que a educação seja de qualidade. (MOREIRA; CANDAU, 2007).

Para que exista uma educação verdadeiramente de qualidade, é preciso responsabilidade na execução dos planos. Também, se deve partir da realidade do local e de cada estudante, conhecendo sua vida; porém, é preciso também que se tenha a consciência de não permanecer somente nessa realidade, ampliando o conhecimento do mundo.

Os conhecimentos escolares são “como uma construção específica da esfera educativa, não como uma mera simplificação de conhecimentos produzidos fora da escola [...] e têm características próprias que os distinguem de outras formas de conhecimento”. (MOREIRA; CANDAU, 2007). É através desses conhecimentos escolares que se cria a consciência de que se pode mudar o ambiente em que se está inserido, criando condições e habilidades para que isso aconteça. Contudo, ainda precisamos entender o que são esses conhecimentos, quem os constrói, para entendermos a sua finalidade e importância.

No momento de planejamento do currículo, é indispensável que se pense no estudante, pois a seleção dos conteúdos deve estar relacionada com os interesses e com a trajetória escolar. Ao organizar esses conteúdos, deve-se pensar na sua relevância para os estudantes, favorecendo assim sua participação ativa na escola (BRASIL, 2013).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Nove Anos nos dizem que

alguns currículos muito centrados nas culturas dos alunos, ao proporem às camadas populares uma educação escolar calçada sobretudo na espontaneidade e na criatividade, terminam por reservar apenas para as elites uma educação que trabalha com abstrações e estimula a capacidade de raciocínio lógico. [...] ao lutarem pelo direito à escola e à educação, aspiram apossar-se dos conhecimentos que, transcendendo as suas próprias experiências, lhes forneçam instrumentos mais complexos de análise da realidade e permitam atingir níveis mais universais de explicação dos fenômenos. (BRASIL, 2013, p. 119)

Desse modo, é preciso que o currículo seja pensado, levando em consideração a cultura dos alunos, as desigualdades enfrentadas e o ambiente onde se está inserido, mas é indispensável que não se permaneça somente nessa perspectiva.

3.2 Os conteúdos

Na perspectiva de compreender ainda mais sobre a avaliação na forma de pareceres descritivos da aprendizagem, devemos entender como os conteúdos de ensino necessitam ser avaliados e de que maneira são contemplados na avaliação.

De acordo com Inforsato e Santos (2011, p. 90), os conteúdos são a própria “matéria do ensino”, merecendo atenção especial, precisando ser flexíveis, de acordo com o planejamento e com as necessidades de cada turma ou estudante em geral. Esses conteúdos estão e devem estar englobados dentro do currículo que, por sua vez, é parte fundamental na elaboração das matérias a serem trabalhadas em sala de aula.

O conteúdo deve estar atrelado ao planejamento, pois o que se pode aprender é conteúdo e não podemos desconsiderar a real forma como esta matéria de ensino será desenvolvida (INFORSATO; SANTOS, 2011). De acordo com Coll (apud INFORSATO; SANTOS, 2011), os conteúdos de ensino estão organizados em três tipos: conceituais, procedimentais e atitudinais. Cabe ao professor trabalhá-los, não enfocando somente nos conceituais, pois ao aluno não basta saber, ele tem de saber-fazer (procedimentos) e saber-ser (atitudes).

Os conteúdos conceituais dizem respeito aos fatos, conceitos e princípios. Os fatos devem ser reproduzidos da forma como foram transmitidos; já os conceitos e princípios são, de certa forma, abstratos; devemos nos preocuparmos em saber as peculiaridades dos fatos, atribuindo a construção do conceito à interpretação realizada pelo sujeito. (ZABALA, 1998).

“A leitura, o desenho, a observação, o cálculo, a classificação, a tradução, enfim, ações ou conjuntos de ações que demonstrem o domínio de habilidades de fazer” (INFORSATO; SANTOS, 2011, p. 91), se referem aos conteúdos procedimentais. Esses conteúdos são mais dinâmicos e caracterizados pela ação, uma vez que a sua assimilação por parte do sujeito é realizada através da sua própria ação; mesmo que ocorra a demonstração de como realizar, é através da habilidade do indivíduo que esse conteúdo se manifesta (INFORSATO; SANTOS, 2011, p. 92); o que nos remete aos trabalhos manuais dos estudantes.

Os valores também são conteúdos, bem como as atitudes, a interação e as normas que são estabelecidas no ambiente escolar. Eles envolvem os conteúdos atitudinais, que podem ser entendidos como valores que compreendem

solidariedade, respeito ao outro, responsabilidade, liberdade, igualdade, etc. Atitudes são expressões sólidas de conduta fundamentadas em valores. São atitudes; a cooperação, o coleguismo, o civismo, a participação, a firmeza de propósitos, etc. Aprendemos as normas por estabelecimento de convivências negociadas intensivamente, por instruções claras e por processos de consciências que as colocam em maior grau, pois levam à compreensão de suas necessidades para todo tipo de convivência social. (INFORSATO; SANTOS, 2011 p. 91),

Envolver os três tipos de conteúdos na prática escolar é uma tarefa um tanto quanto desafiadora para o professor, pois ele deve levar em consideração que qualquer atitude, interação, dificuldade ou não entendimento do conteúdo, por parte dos estudantes, é parte integrante do processo de aprendizagem.

Com base nos três tipos de conteúdos, pensar a avaliação torna-se mais fácil, ou não. Se levarmos em consideração que a avaliação deve contemplá-los, é importante que ela seja coerente com o que foi trabalhado, ou seja, é necessário que se avalie da forma como foi mediado o conhecimento. (LUCKESI, 2011).

4. PARECERES DESCRITIVOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: A NARRATIVA DOS PROFESSORES SOBRE OS ESTUDANTES.

Neste capítulo, é apresentada a metodologia utilizada para a realização do estudo, bem como é descrito como foram realizadas a coleta, seleção e organização dos pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem. Ao final do capítulo, é apresentada a análise dos pareceres.

4.1 Coleta e tratamento das informações.

Os pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem foram cedidos por uma escola pública estadual do município de Erechim, Rio Grande do Sul. Eles foram elaborados por professoras das turmas de 1º e 2º anos e correspondem ao primeiro trimestre do ano de 2015. Vale destacar aqui que foram elaborados por três professoras diferentes, cada uma em relação à sua turma. A escola escolhida para a análise dos pareceres foi a escola onde a pesquisadora realizou o estágio curricular obrigatório em ensino fundamental. Devido ao maior contato com a escola e com as professoras, não houve objeção na análise de tais pareceres, contanto que fosse garantido o anonimato das professoras e dos estudantes. Por isso, os pareceres foram numerados de acordo com a turma: “aluno 1, turma 1”.

Com os pareceres em mão, o primeiro passo foi separar, nas frases descritas pelas professoras, possíveis indícios da utilização dos três tipos de conteúdos: os conceituais, os atitudinais e os procedimentais. Entretanto, durante a leitura dos pareceres, foram encontrados outros elementos que devem ser destacados nesta análise. Desse modo, antes de serem analisados os três tipos de conteúdos, é analisada a estrutura dos pareceres.

A motivação para este estudo surgiu após a realização do estágio, em que ficou a indagação de como os alunos seriam avaliados se não era ofertado nenhum tipo de exame. Além disso, a professora regente não solicitou nenhum tipo de parecer ou algo parecido para compreender a aquisição do conhecimento por parte dos estudantes, durante o período de realização do estágio.

Retoma-se aqui, o objetivo da pesquisa: analisar os conhecimentos que são considerados na elaboração dos pareceres descritivos dos estudantes. Para tanto, elencou-se os objetivos específicos, os quais auxiliarão a responder o objetivo geral:

indicar possíveis faltas de conhecimentos atribuídos pelos estudantes; evidenciar quais conteúdos estão sendo avaliados no momento do registro da avaliação.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, cuja característica principal, segundo Ludke e André (1986), é a coleta de dados a partir de informações descritivas. De acordo com as autoras, o material obtido inclui dentre outras descrições “[...] extratos de vários tipos de documentos” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12). Segundo Phillips (1974, p.187 *apud* LUDKE; ANDRÉ, 1986), entende-se por documento “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”. Esses documentos que foram analisados são os pareceres descritivos da avaliação de aprendizagem, elaborados por professores. Como esse tipo de pesquisa pode assumir muitas formas, a análise foi elaborada posteriormente à coleta dos pareceres.

Apesar de ser pouco explorada, a análise documental é uma “técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Analisar documentos proporciona um estudo rico e estável, pois eles apresentam muitas evidências concretas que não poderiam ser avaliadas em pesquisas de outro tipo. Sendo assim, esta pesquisa se caracteriza como uma análise documental por buscar informações em documentos elaborados por professores.

4.2 A análise dos pareceres descritivos: uma visão mais ampla sobre a escrita.

A seguir, foi realizada a análise dos pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem. À primeira leitura, percebeu-se que alguns pareceres eram parecidos e alguns exatamente iguais. As frases e as colocações utilizadas para um estudante foram reproduzidas fielmente para vários estudantes do mesmo ano, conforme podemos perceber nas descrições abaixo.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 1.

Inteligente, participativa, caprichosa e organizada. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, tem sempre os materiais necessários, ainda tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas, respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 3.

Inteligente, participativa, caprichosa e organizada. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, tem sempre os materiais necessários, ainda tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas, respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

Esses dois pareceres são descritos na sua totalidade de forma igual. Em outros pareceres, aparecem frases também iguais para diversos estudantes. Seguem abaixo alguns trechos retirados de pareceres do primeiro ano.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1, aluno 1.

Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano. Participativa, caprichosa e organizada[...]. Apresenta domínio na sequência dos cadernos.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1, aluno 4.

Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano. Participativa, caprichosa e organizada[...]. Apresenta domínio na sequência dos cadernos.

Nos pareceres das três turmas analisadas, aparecem repetições de frases. Na turma do segundo ano, também aparecem frases que instintivamente serviram para descrever a aprendizagem de vários estudantes, conforme podemos observar nos trechos que seguem.

Parecer de aluno do segundo ano, turma 1, aluno 1.

É uma aluna caprichosa e organizada.

Parecer de aluno do segundo ano, turma 1, aluno 2.

É uma aluna caprichosa e organizada.

Parecer de aluno do segundo ano, turma 1, aluno 5.

É uma aluna caprichosa e organizada.

Parecer de aluno do segundo ano, turma 1, aluno 7.

Aluna caprichosa e organizada.

Foram encontrados também diferenciação entre o modo de escrita entre meninos e meninas. Os pareceres acima, de acordo com ortografia, eram pareceres descritos de meninas, pois estavam descritas como caprichosas. Em outros pareceres, apareceram também as palavras: “meiga e interessada” para complementar a frase inicial, que serve para descrever como é o estudante.

Nos pareceres dos meninos, não aparecem as palavras: “caprichosa, organizada, meiga”; o que nos remete a pensar que, por serem meninos, não podem possuir essas características. Nos pareceres descritos para os meninos, aparecem as seguintes frases.

Parecer de aluno do segundo ano, turma 1, aluno 8.

É um aluno prestativo e capaz.

Parecer de aluno do segundo ano, turma 1, aluno 10.

É um aluno prestativo e capaz.

Esses alunos e os demais, conforme pode ser visto no quadro em anexo, também tiveram a palavra “capaz” descrita no seu parecer. Porém, não está explicado o que a professora entende por “capaz”. No decorrer do texto do parecer, em nenhum momento, é explicado o uso dessa palavra, nem em que sentido ela está sendo usada.

Em outros pareceres, ainda descritos para os meninos, aparecerem outros termos, que novamente nos remetem ao fato de que então os demais não são aquilo que está descrito. Como, por exemplo, a palavra, “esperto”, “comunicativo”, e ainda, “esforçado”.

Como podemos perceber, os pareceres se igualam, mesmo sendo para indivíduos diferentes, com capacidades diferentes e pensamentos diferentes. Sousa (2007, p. 96) fala sobre essa repetição de juízos descritos nos pareceres descritivos de avaliação de aprendizagem como uma “prática da avaliação centrada no momento final e não como resultado de regulações e intervenções durante o processo.”

Outras palavras e frases chamaram a atenção na quantidade de vezes que aparecem nos pareceres descritivos. Contudo, com essa amostra descrita acima, podemos perceber que os pareceres estão sendo, infelizmente, descritos utilizando um modelo seguido por todos.

Outro ponto que se destacou durante a leitura dos pareceres, antes mesmo de serem analisados na obtenção dos conteúdos, foi a falta de sequências de ideias nos textos. Os pareceres não seguem uma sequência: iniciam falando de comportamentos, partem para ordens de organização, retornando a falar de atitudes, que, em suma, poderiam ser descritas acima junto com os comportamentos. Buscaremos mostrar essa confusão de ideias em três pareceres: um de cada turma.

Parecer de aluno do primeiro ano, aluno 4, turma 1.

Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano. Participativa, caprichosa e organizada, deve ater-se somente às suas atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, normalmente respeita ordens e combinados em sala de aula, parando imediatamente quando chamada a sua atenção.

Neste parecer, o professor inicia falando sobre as atitudes da aluna, passa a falar vagamente sobre a aprendizagem e retorna a falar sobre suas atitudes. Esse mesmo modelo poderá ser visto nos próximos dois pareceres abaixo.

Parecer de aluno do primeiro ano, aluno 1, turma 2.

Inteligente, participativa, caprichosa e organizada. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, tem sempre os materiais necessários, ainda tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas, respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 9, turma 1.

É um aluno esforçado e prestativo. Reconhece letras e seus sons, formando sílabas, palavras e até frases. As vezes apresenta dificuldades em diferenciar palavras de frases. Precisa melhorar o traçado das letras e o capricho no seu caderno. Reconhece números e realiza cálculos. Apresenta dificuldades em ater-se as suas atividades prejudicando seu desempenho.

Seguindo na análise dos pareceres, algumas frases descritas não trazem o seu significado, ficando difícil o seu entendimento. Segue abaixo o trecho do parecer descritivo do primeiro ano, que fala sobre o processo de aprendizagem.

Parecer de aluno do primeiro ano, aluno 1, turma 1.

Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano.

Essa frase é estendida a todos os pareceres analisados dessa turma, como podemos ver nos trechos abaixo.

Parecer de aluno do primeiro ano, aluno 2, turma 1.

Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano.

Parecer de aluno do primeiro ano, aluno 3, turma 1.

Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano.

Parecer de aluno do primeiro ano, aluno 4, turma 1.

Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano.

Parecer de aluno do primeiro ano, aluno 5, turma 1.

Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano.

Como se pode perceber, o professor utilizou em todos os pareceres analisados a mesma frase: “acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano”. Entretanto, no corpo do texto não explica qual é esse processo, nem especifica se assimilou o conteúdo (conhecimento) trabalhado. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Nove Anos, os três anos iniciais, que são organizados em um ciclo, devem assegurar ao estudante a alfabetização e o letramento, bem como desenvolver formas de expressão, “incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, da Literatura, da Música e das demais Artes, da Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, de Ciências, de História e de Geografia” (MOREIRA; CANDAU, 2013, p.122) . Contudo, as expressões usadas na elaboração dos pareceres descritivos analisados não condizem com suas orientações.

Não está escrito nos pareceres dos estudantes do primeiro ano quais conhecimentos foram assimilados. Com exceção de um parecer que relata que o estudante está iniciando o processo de leitura. Se, de todos os pareceres lidos, apenas um apresenta esse tipo de informação, podemos chegar à conclusão de que os demais estudantes não iniciaram esse processo. No entanto, essa informação não está clara no parecer. É o que pode ser visto no parecer abaixo.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 4.

Iniciando o processo de leitura.

Segundo Knoblauch (2003), a avaliação está sendo usada de forma muito burocrática dentro das escolas; sendo que essa burocratização acaba por prejudicar o trabalho do professor, pois os pareceres estão sendo cada vez menos detalhados. Como exemplificação dessa aplicação vaga de expressões, em alguns pareceres

dos alunos do primeiro ano, aparecem frases negritadas em seu final. Vejamos alguns trechos.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1, aluno 1.

Traçado do 4 espelhado.

Parecer do aluno do primeiro ano, turma 1, aluno 2.

Traçado cursivo difícil “voando”.

Parecer do aluno do primeiro ano, turma 1, aluno 3.

Costuma rabiscar seu caderno em volta da margem.

Parecer do aluno do primeiro ano, turma 1, aluno 4.

Fica chamando a atenção dos colegas logo após a professora fazê-lo.

Vejamos que essas frases não detalham muito a respeito do aprendizado do estudante; porém, o professor atribui-lhes significado maior, já que destacou esses aspectos no parecer. No entanto, tais informações são insuficientes para descrever a aprendizagem de seu aluno.

Em relação à outra turma do primeiro ano, algumas frases dentro do corpo do texto dizem respeito à utilização da cola e tesoura. A preocupação do professor, nesse caso, é em explicitar se o estudante, durante esse período de tempo que o parecer descrito engloba, está usando de forma correta a cola e a tesoura e, ainda, se consegue seguir uma sequência dos cadernos, mas não descreve que sequência é essa que o estudante deve seguir; é o que pode ser observado nos trechos abaixo.

Parecer do aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 1.

Apresenta domínio na sequência dos cadernos[...] ainda tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas.

Parecer do aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 2.

Apresenta domínio na sequência dos cadernos[...]dosa a cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas.

Parecer do aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 3.

Apresenta domínio na sequência dos cadernos[...]ainda tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas.

Parecer do aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 4.

Apresenta domínio na sequência dos cadernos[...], dosa adequadamente a cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas.

Parecer do aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 5.

Ainda não dosa adequadamente a cola.

Nos pareceres da turma do segundo ano, o texto do parecer está mais voltado às aprendizagens do estudante; porém, em um deles, o professor faz, de certa forma, um elogio ou pedido, dependendo da interpretação de quem for ler o parecer. Não está explícito em que o estudante deve continuar progredindo. O trecho é o seguinte.

Parecer do aluno do segundo ano, turma 2, aluno 4.

Continue progredindo.

Percebemos com essa parte das análises, que os pareceres não estão voltados para uma avaliação plena do estudante, visto que foram descritos sem uma base que sustente a sua forma, a sua escrita, tornando assim a avaliação sem fins formativos.

4.3 Os três tipos de conteúdos, atitudinais, conceituais e procedimentais descritos nos pareceres.

Para melhor visualizar os pareceres já analisados, foi elaborado um quadro contendo os três tipos de conteúdos que se buscou encontrar descritos nos pareceres. Esse quadro está disponível nos anexos e poderá ser visualizado para se ter um resumo sobre o que foi encontrado.

Os três tipos de conteúdos: atitudinais, conceituais e procedimentais que se buscou encontrar descritos no texto dos pareceres dizem respeito, como já mencionado anteriormente, ao que os alunos sabem, fazem e são. Dessa maneira, partiremos do pressuposto que os pareceres devem englobar todos os três tipos de conteúdos, integralizando assim todo o processo de ensino-aprendizagem.

Iniciaremos esta análise apresentando quais frases, descritas nos pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem, contêm elementos do tipo de **conteúdo atitudinal**. Organizamos os conteúdos por turmas, de modo a analisar cada parecer.

Antes de iniciarmos a análise, vamos lembrar o que são os conteúdos atitudinais. Dizem respeito aos valores, às atitudes ou às normas. Presente nesses elementos, estão o gosto por determinada atividade, a solidariedade, o respeito mútuo, o saber trabalhar em grupo, a cooperação, entre outros (INFORSATO; SANTOS, 2011). Contudo, como poderemos observar nas análises dos pareceres, muitas das frases utilizadas dizem respeito somente a gestos e atitudes dos estudantes em âmbito comportamental, classificando-o de acordo com as normas da escola.

Novamente percebemos que as frases se assemelham ou se igualam nos pareceres, conforme a análise abaixo.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 1.

Participativa, caprichosa e organizada, pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina suas atividades[...]respeita ordens e combinados em sala de aula, parando imediatamente quando chamada a sua atenção.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 2.

[...]respeita ordens e combinados.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 3.

Participativa, caprichosa e organizada, deve diminuir a conversa e as brincadeiras durante as atividades.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 4.

Participativa, caprichosa e organizada, deve ater-se somente às suas atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. [...]normalmente respeita ordens e combinados em sala de aula, parando imediatamente quando chamada a sua atenção. ***Fica chamando a atenção dos colegas logo após a professora fazê-lo.***

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 5.

Realiza as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário, às vezes atrasa-se, mas consegue acompanhar o ritmo da turma[...]respeita ordens e combinados.

Mediante esses fragmentos, podemos afirmar que o professor está avaliando as atitudes e os comportamentos dos estudantes. Porém, é preciso ter o cuidado na hora de registrar a avaliação, segundo Luckesi (1989, p. 35),

o educando como sujeito humano é histórico, contudo, julgado e classificado, ele ficará, para o resto da vida, do ponto de vista do modelo escolar vigente, estigmatizado, pois as anotações e registros permanecerão, em definitivo, nos arquivos e nos históricos escolares, que se transformam em documentos legalmente definidos.

Vejamos ainda o que os pareceres da segunda turma do primeiro ano nos trazem.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 1.

Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário.[...] respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno2.

Precisa tornar-se mais independente e seguro para realizar suas atividades sem esperar a aprovação da professora. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário.[...] respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 3.

Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. [...]respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 4.

Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando terminar as atividades[...]respeita ordens e combinados em sala de aula, parando imediatamente quando chamada a sua atenção.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 5.

Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário, porém tem dificuldades em ater-se as explicações da professora quando são feitas para a turma toda, pois fica mexendo nos cabelos ou nos seus materiais, principalmente na borracha, atrasando-se muitas vezes.[...] Tem dificuldades em respeitar ordens e combinados, pois normalmente.

Essa mesma forma de pensamento foi possível encontrar nos pareceres do segundo ano. Logo, pode-se afirmar que o professor também avalia aspectos comportamentais dos seus estudantes, colocando-os no pareceres, como podemos ver no quadro em anexo ao final do trabalho.

Realizada a análise dos pareceres descritivos, encontramos grande indício de que os professores utilizam o conteúdo atitudinal na hora do registro da avaliação. Porém, não foram encontradas referências a conceitos voltados à aprendizagem. Por exemplo, não fica claro se foi estudada a separação de lixo, que atitudes ou comportamentos o estudante apresentou sobre essa temática, se ele conseguiu agregar tal conhecimento à sua vida, e se está conseguindo repassá-los às pessoas que o cercam, como família e amigos.

Segundo Sousa (2007), os pareceres ainda podem servir como ordem classificatória; o que podemos ver em expressões utilizadas como: “tem facilidade, apresenta avanços, é bom, progrediu”. Isso remete a uma ordem classificatória e a uma concepção de que o estudante é responsável por sua aprendizagem, e de que o professor apenas tem o papel de verificar seus avanços e dificuldades.

Partiremos agora para a análise de **conteúdos conceituais**. Esses conteúdos são um pouco mais amplos de se avaliar, pois devem levar em consideração conhecimentos prévios, as experiências dos estudantes; assim, dizem respeito ao conhecimento que é produzido socialmente. Eles abrangem também uma representação da realidade, sendo preciso que o estudante vivencie situações-problema na aquisição de novos conhecimentos. Podemos compreender melhor esse conteúdo quando atribuirmos a ele o conceito de reprodução concreta da realidade, na qual se entende o processo como um detector da realidade (INFORSATO; SANTOS, 2011). Vejamos então como aparecem possíveis conteúdos conceituais nos pareceres descritivos a seguir.

Nos pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem analisados dos primeiros anos, apenas um deles apresentou uma passagem que demonstra, em parte, ser conceitual, como pode ser visto neste trecho.

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 2, aluno 4.

[...]Iniciando o processo de leitura.

Em todos os pareceres analisados na turma do segundo ano, são apresentados mais elementos que podemos classificar como sendo conteúdos conceituais. É através do entendimento desse conteúdo que a criança,

posteriormente, virá a integralizar conteúdos mais abrangentes. Podemos chamar esse conteúdo de “saber”. Deixando mais claro, veremos abaixo alguns trechos dos pareceres que nos trazem elementos que mostram o que os estudantes sabem.

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 1.

[...]Reconhece números.

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 2.

[...] Reconhece letras e seus sons.[...]Reconhece números.

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 7.

[...]Reconhece letras e seus sons.[...] Apresenta dificuldades em reconhece alguns números e realizar cálculos.

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 9.

[...]Reconhece letras e seus sons.[...] As vezes apresenta dificuldades em diferenciar palavras de frases.

Outros exemplos que comprovam a existência de conteúdos conceituais nos pareceres poderão ser vistos no quadro em anexo, localizado ao final do trabalho. A colocação de todos eles no corpo do texto o tornaria extenso e cansativo.

O ultimo, mas não menos importante conteúdo analisado, foi os **conteúdos procedimentais**, que dizem respeito a uma série de elementos que são utilizados para chegar a um objetivo. São elementos que apresentam as habilidades dos estudantes, como a leitura, o cálculo e o desenho. Embora grande parte desses elementos seja demonstrado pelo professor antes de ser realizado pelo estudante, cada indivíduo realizará de forma diferente, integralizando o conhecimento na ação concreta da sua realização. Esse conteúdo envolve o “saber fazer”, integralizando as habilidades e competências de cada indivíduo. (INFORSATO; SANTOS, 2011).

Vejamos como são apresentados esses conteúdos nos pareceres analisados. É importante ressaltar que esses fragmentos darão sequência aos fragmentos acima analisados sobre os conteúdos conceituais, uma vez que, como já mencionado, o “fazer” (conteúdo procedimental) é uma sequência do “saber” (conteúdo conceitual).

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 1 aluno 1.

[...] Consegue realizar as atividades propostas[...]

Parecer de aluno do primeiro ano, turma 2 aluno 1.

[...]domina a tesoura recortando nas linhas desejadas.[...]

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 1.

[...]Lê com fluência, escreve palavras e frases. [...] realiza cálculos.

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 2.

[...]formando sílabas, palavras e até frases[...] realiza cálculos.

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 7.

[...]formando sílabas, palavras e até frases.[...]

Parecer de aluno do segundo ano, aluno 9.

[...]formando sílabas e até frases[...], realiza cálculos[...]

Como podemos verificar, os pareceres dizem muito sobre o estudante. No momento do registro da avaliação, o professor deve ter a consciência de que conhece seus alunos. Muitas vezes o que acaba por acontecer, é que são criadas representações e classificações em diferentes grupos, dando à avaliação uma característica classificatória. Dessa forma, o professor organiza elementos que serão utilizados aos estudantes que leem, e outros para os estudantes que não leem, e assim segue para outras áreas do conhecimento, como o cálculo que, no caso dos pareceres analisados, tantas vezes apareceu descrito.

5. PARA FIM DE CONVERSA, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao chegar ao final deste trabalho, vejo o quanto ele foi importante para mim, enquanto acadêmica e profissional. Vejo que não foi apenas um trabalho de conclusão de curso, mas um desafio e uma conquista que servirá para agregar novos conhecimentos a essa professora, que pode assim ser descrita por já atuar em sala de aula e registrar avaliações na forma de pareceres.

Algumas questões de suma importância, que foram citadas no decorrer do texto, devem ser revistas por todos os professores. Durante a análise dos pareceres, concluiu-se que os professores avaliam quase que exclusivamente aspectos comportamentais em seus alunos, muitas vezes, enfatizando-os, e pedindo-lhes que mudem suas atitudes, descrevendo isso nos pareceres. Percebemos também que pareceres assim, são descritos para que os pais vejam como é o comportamento do

estudante em sala de aula e na escola, isto é, para que vejam se seu filho “obedece” ou não à professora. Os pareceres não devem ser escritos somente para os pais dos estudantes, pois são documentos importantes que um professor deixa para o do ano seguinte. Através do parecer, o educador poderá conhecer melhor os alunos, com os quais vai trabalhar; entretanto, é preciso que se tenha cuidado com os julgamentos.

Diante disso, a utilização dos conteúdos atitudinais está voltada somente à imposição de normas que devem ser seguidas pelos estudantes. No entanto, esses conteúdos podem dizer muito mais sobre a aprendizagem dos estudantes na avaliação, visto que podem retratar o processo de socialização do conhecimento entre o estudante, a sua família e colegas, tornando a avaliação mais construtiva e prazerosa. A avaliação é uma tarefa desafiadora para o professor, mas ele deve ter em mente que ela deve ser construtiva e diagnóstica, para que o favoreça e auxilie o educando na busca de autoconhecimento.

Outro aspecto importante encontrado nos pareceres diz respeito às áreas do conhecimento que estão sendo avaliadas. Foram encontradas somente a utilização de conhecimentos na área de Língua Portuguesa e Matemática; o que mostra que não são avaliados, ou ainda, não são ofertados aos alunos aprendizagens das outras áreas do conhecimento. Todavia, essa informação é insuficiente se buscarmos compreender a aprendizagem do estudante como um todo. Assim, é preciso que seja ofertado o conhecimento em todas as áreas, como ciências, história, geografia, artes, educação física e literatura; logo, elas devem ser levadas em consideração na hora de registrar a avaliação. (BRASIL, 2013).

Não podemos considerar construtiva e qualitativa uma aprendizagem que busca apenas avaliar áreas comportamentais, como é o caso dos pareceres dos primeiros anos. Dar características aos estudantes apresentou-se comum nos pareceres. Diante disso, percebeu-se que os professores utilizam algumas características já pré-estabelecidas para todos os estudantes, tornando os pareceres repetitivos e iguais. Verificou-se também a falta de uma sequência de ideias na hora de registrar os pareceres, deixando-os um tanto quanto difícil de serem entendidos. É necessário que os professores, nesse caso, façam uma revisão na sua elaboração.

Este estudo não irá esgotar as análises sobre a sua temática. Há muito ainda que se estudar e rever sobre os pareceres descritivos da avaliação da aprendizagem. É preciso que se entenda a importância desse processo dentro de

uma sala de aula, no ambiente escolar e sua função em uma avaliação de qualidade e não de quantidade. Contudo, infelizmente, o que se pode constatar, é que os professores ainda não estão familiarizados com esse método de avaliação, e dessa forma, ainda classificam os seus estudantes em: capazes, organizados, inteligentes, ou caprichosos. Sob esse ponto de vista, uma criança que não for organizada não será capaz de construir conhecimento?

Um trabalho nunca é feito sozinho, é preciso buscar trabalhos realizados anteriormente para que seja possível um melhor entendimento do objeto de estudo. Qual foi minha surpresa ao ler artigos que tratavam do mesmo assunto e perceber que pouco ou nada mudou de muitos anos atrás. A compreensão de uma avaliação formativa continua em debate e se nada for feito, como é o caso de formações continuadas, que elevem a avaliação a um patamar de discussões nas escolas, os pareceres continuarão sendo registrados, levando em consideração apenas as atitudes dos estudantes e os conhecimentos de português e de matemática.

Compreender a avaliação é de suma importância tanto para educadores atuantes quanto para os que estão sendo formados. Estudar a avaliação deve ser algo enfatizado nas escolas e nas universidades. Portanto, espero que este trabalho inspire futuros pesquisadores a estudar e a compreender essa prática nas escolas. Esta pesquisadora não irá parar de pesquisar e se aprofundar sobre o assunto, após essas constatações, visto que este estudo servirá de base para a realização de novos estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L, de A. *História da Educação*, 1 ed. São Paulo: Moderna, 1989.

BRASIL. Decreto nº. 19.890, de 18 de Abril de 1931. Dispõe sobre a organização do ensino secundário, Rio de Janeiro, abr. 1931.

BRASIL. Decreto nº.4.244, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do ensino secundário, Rio de Janeiro, abr. 1942

BRASIL, Diretrizes Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562 p.

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases* / Ministério da Educação e dos Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1996.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. *Avaliação do Processo Ensino-aprendizagem*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação: mito ou desafio: uma perspectiva construtivista*. 22.ed. Porto Alegre: Mediação, 1994.

INFORSATO, E. C.; ROBSON, A. S. *A preparação das aulas*. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. *Caderno de Formação: formação de professores didática geral*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 86-99, v. 9.

KNOBLAUCH, A. *A avaliação de alunos na implantação da proposta de Ciclos de Aprendizagem no município de Curitiba, à luz da cultura escolar*. Dissertação de mestrado, Educação: História, Política, Sociedade, da PUCSP. 2003 Disponível em <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=pareceres+descritivos+da+avalia%C3%A7%C3%A3o+da+aprendizagem&btnG=&lr=>> Acesso em 01-10-2015

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: componentes do ato pedagógico*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Avaliação do aluno: a favor ou contra a democratização do ensino?*. In: *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 19. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo*. In: *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 19. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Avaliação do aluno: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude*. In: *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 19. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Verificação ou Avaliação: o que pratica a escola?*. In: *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 19. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. CANDAU, Vera Maria. *Currículo, conhecimento e cultura*. In: *Indagações sobre Currículo*. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2007. 48 p.

NUNES. Ilka; SILVA. Danilo; SILVA. Vanderson; ARAÚJO. Viviane. *Avaliação da aprendizagem: Breve histórico da origem aos dias atuais. Quem escreve, quer falar*. Salvador, 16 nov. 2012. Disponível em:
<<http://quemescrivequerfalar.blogspot.com.br/2012/11/avaliacao-da-aprendizagem-breve.html>> Acesso em: 22-08-2015

PINHEIRO, Claudia Gewehr. *Pareceres descritivos: Narrativas que a escola nos conta*. UFRGS, 2006. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/neccso/pdf/dissertac_pareceresdescritivos.pdf> Acesso em 15-08-2015

SANAVRIA, Claudio Zarate. *Avaliação da Aprendizagem na Educação a Distância: Concepções e Práticas de Professores de Ensino Superior*. Campo Grande, 2008. 224p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

SOUSA, C. M. de. *Pareceres descritivos de avaliação da aprendizagem: conteúdo e o processo de elaboração*. In: *Contrapontos*. v. 7 n 1. jan/abr 2007p.91-105. Disponível em:
<http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/675/ARTIGO_Avalia%C3%A7%C3%A3oAprendizagemContexto.pdf?sequence=1> Acesso em: 01-10-2015.

VERCEZE, M. A. N. , SILVINO, E. F. M. *O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guarajá-Mirim*. Ed. Práxis Educacional. Vitória da Conquista v. 4 n. 4 p. 83-102.jan./jun.2008. Disponível em:
<<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/328> > Acesso em: 15-09-2015.

ZABALA, Antoni. *A Prática Educativa: Como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

ANEXO A - Pareceres enviados via e-mail pela coordenadora da escola. Seguem na mesma fonte e tamanho que foram enviados.

1ºANO – TURMA 1

1- Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano. Participativa, caprichosa e organizada, pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina suas atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, respeita ordens e combinados em sala de aula, parando imediatamente quando chamada a sua atenção.

Traçado do 4 espelhado

2- Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano. Realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, respeita ordens e combinados.

Traçado cursivo difícil “voando”.

3- Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano. Participativa, caprichosa e organizada, deve diminuir a conversa e as brincadeiras durante as atividades. Apresenta domínio na sequência dos cadernos.

Costuma rabiscar seu caderno em volta da margem.

4- Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano. Participativa, caprichosa e organizada, deve ater-se somente às suas atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, normalmente respeita ordens e combinados em sala de aula, parando imediatamente quando chamada a sua atenção.

Fica chamando a atenção dos colegas logo após a professora fazê-lo.

5- Acompanha o processo de aprendizagem referente ao primeiro ano. Realiza as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário, às vezes atrasa-se, mas consegue acompanhar o ritmo da turma. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, respeita ordens e combinados.

1ºANO – TURMA 2

1- Inteligente, participativa, caprichosa e organizada. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, tem sempre os materiais necessários, ainda tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas, respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

2- Inteligente caprichoso e organizado, precisa tornar-se mais independente e seguro para realizar suas atividades sem esperar a aprovação da professora. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, tem sempre os materiais necessários, dosa a cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas, respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

3- Inteligente, participativa, caprichosa e organizada. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, tem sempre os materiais necessários, ainda tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas, respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.

4- Inteligente, caprichoso e organizado. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando terminar as atividades. Apresenta domínio na sequência dos cadernos, tem sempre os materiais necessários, dosa adequadamente a cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas, respeita

ordens e combinados em sala de aula, parando imediatamente quando chamada a sua atenção. Iniciando o processo de leitura.

5- Participativa, sempre tem uma contribuição nas atividades orais. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário, porém tem dificuldades em ater-se as explicações da professora quando são feitas para a turma toda, pois fica mexendo nos cabelos ou nos seus materiais, principalmente na borracha, atrasando-se muitas vezes. Está evoluindo no domínio da sequência dos cadernos, e no uso dos outros materiais, ainda não dosa adequadamente a cola. Tem dificuldades em respeitar ordens e combinados, pois normalmente não escutou por estar atenta á outras coisas.

2ºANO – TURMA 1

1- É uma aluna caprichosa e organizada. Lê com fluência, escreve palavras e frases. Reconhece números e realiza cálculos. Deve estar mais atenta a professora e conversar menos durante as aulas, pois isto prejudica seu desempenho.

2- É uma aluna caprichosa e organizada. Reconhece letras e seus sons, formando sílabas, palavras e até frases. Reconhece números e realiza cálculos. Apresenta dificuldades em finalizar as atividades em aula, pois é muito dispersa, o que prejudica seu desempenho.

3- É um aluno esperto e capaz. Reconhece letras e seus sons, formando sílabas, palavras e até frases. Reconhece números e realiza cálculos. Seu desempenho é prejudicado pela conversa e desinteresse em acompanhar as atividades propostas.

4- É uma aluna meiga, caprichosa e interessada. Lê com fluência, escreve palavras e frases. Reconhece números e realiza cálculos. Continue progredindo.

5- É uma aluna caprichosa e organizada. Lê com fluência, escreve palavras e frases. Reconhece números e realiza cálculos. Deve conversar menos com os colegas para não prejudicá-los.

6- Aluno comunicativo e capaz. Reconhece letras e seus sons, formando sílabas, palavras e até frases. Reconhece números e realiza cálculos. Apresenta dificuldades em ater-se as suas atividades prejudicando seu desempenho.

7- Aluna caprichosa e organizada. Progrediu no seu processo de alfabetização. Reconhece letras e seus sons, formando sílabas, palavras e até frases. Sua leitura está melhorando. Apresenta dificuldades em reconhecer alguns números e realizar cálculos.

É esforçada e tem condições de avançar muito mais, porém deve conversar menos.

8- Aluno prestativo e capaz. Reconhece letras e seus sons, formando sílabas, palavras e até frases. Deve praticar mais leitura em casa. Reconhece números e realiza cálculos, mas ainda tem dificuldades em reconhecer dezena e unidade. Precisa melhorar o traçado das letras. Conversar menos e prestar mais atenção as atividades.

9- É um aluno esforçado e prestativo. Reconhece letras e seus sons, formando sílabas, palavras e até frases. As vezes apresenta dificuldades em diferenciar palavras de frases. Precisa melhorar o traçado das letras e o capricho no seu caderno. Reconhece números e realiza cálculos. Apresenta dificuldades em ater-se as suas atividades prejudicando seu desempenho.

10- É um aluno prestativo e capaz. Reconhece letras e seus sons, formando sílabas, palavras e até frases. Reconhece números e realiza cálculos. Poderia ser mais atento ao realizar as atividades e conversar menos para não se prejudicar e aos colegas.

ANEXO B- Quadro - Conteúdos das análises dos pareceres dos alunos do 1º ano:

Turma 1

Conteúdos/ aluno	Conceitual	Procedimental	Atitudinal
Aluno 1		[...]Consegue realizar as atividades propostas.	“Participativa, caprichosa e organizada, pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina suas atividades”
Aluno 2		[...]Realizar as atividades propostas.	“respeita ordens e combinados.”
Aluno 3			“Participativa, caprichosa e organizada, deve ater-se somente às suas atividades.”
Aluno 4		[...]Consegue realizar as atividades propostas.	“Participativa, caprichosa e organizada, deve ater-se somente às suas atividades. Fica chamando a atenção dos colegas logo após a professora fazê-lo.”
Aluno 5		[...]Realiza as atividades propostas	“Respeita ordens e combinados.”

ANEXO C- Quadro - Conteúdos da análises dos pareceres dos alunos do 1º ano:

Turma 2

Conteúdos/ aluno	Conceitual	Procedimental	Atitudinal
Aluno 1		[...]Consegue realizar as atividades propostas[...]tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas...	“Inteligente, participativa, caprichosa e organizada. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades.[...] respeita ordens e combinados em sala de aula, porém precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas. “
Aluno 2		[...] Consegue realizar as atividades propostas.[...] Apresenta domínio na sequência dos cadernos, tem sempre os materiais necessários, dosa a cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas..	“Inteligente caprichoso e organizado, precisa tornar-se mais independente e seguro para realizar suas atividades sem esperar a aprovação da professora.”
Aluno 3		[...]Consegue realizar as atividades propostas.[...] ainda tem dificuldades com o uso da cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas...	“Inteligente, participativa, caprichosa e organizada. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando termina as atividades.[...] precisa melhorar quando estamos nos corredores em fila, no saguão ou no ginásio realizando atividades físicas.”
Aluno 4	[...]Iniciando o processo de leitura.	[...]Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário.[...] dosa adequadamente a cola, domina a tesoura recortando nas linhas desejadas...	“Inteligente, caprichoso e organizado. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando necessário. Pode diminuir a conversa e as brincadeiras quando terminar as atividades.”
Aluno 5		[...]Consegue realizar as atividades propostas[...]ainda não dosa adequadamente a cola...	“Participativa, sempre tem uma contribuição nas atividades orais. Consegue realizar as atividades propostas, pedindo ajuda quando

			necessário, porém tem dificuldades em ater-se as explicações da professora quando são feitas para a turma toda, pois fica mexendo nos cabelos ou nos seus materiais, principalmente na borracha, atrasando-se muitas vezes. [...]Tem dificuldades em respeitar ordens e combinados, pois normalmente não escutou por estar atenta á outras coisas.”
--	--	--	---

ANEXO D- Quadro - Conteúdos da análises dos pareceres dos alunos do 2º ano:

Conteúdos/ aluno	Conceitual	Procedimental	Atitudinal
Aluno 1	[...]Reconhece números.	“[...]Lê com fluência, escreve palavras e frases. [...]e realiza cálculos.”	“É uma aluna caprichosa e organizada.[...] Deve estar mais atenta a professora e conversar menos durante as aulas, pois isto prejudica seu desempenho.”
Aluno 2	“[...]Reconhece letras e seus sons.[...] Reconhece números	“[...] formando sílabas, palavras e até frases.[...] realiza cálculos.”	“É uma aluna caprichosa e organizada.[...] Apresenta dificuldades em finalizar as atividades em aula, pois é muito dispersa, o que prejudica seu desempenho.”
Aluno 3	“[...]Reconhece letras e seus sons[...].Reconhece números	“[...] formando sílabas, palavras e até frases. [...] realiza cálculos.”	“É um aluno esperto e capaz.[...] Seu desempenho é prejudicado pela conversa e desinteresse em acompanhar as atividades propostas.
Aluno 4	“[...]Reconhece números	“[...]realiza cálculos.”	“É uma aluna meiga, caprichosa e interessada.”
Aluno 5	[...]Reconhece números	“[...]Lê com fluência, escreve palavras e frases. [...]realiza cálculos.”	“É uma aluna caprichosa e organizada.[...] Deve conversar menos com os colegas para não prejudicá-los
Aluno 6	“[...]Reconhece letras e seus sons [...]Reconhece números	“[...], formando sílabas, palavras e até frases. [...]realiza cálculos.”	“Aluno comunicativo e capaz.[...] Apresenta dificuldades em ater-se as suas atividades prejudicando seu desempenho.”
Aluno 7	“[...]Reconhece letras e seus sons.[...] Apresenta dificuldades em reconhece alguns números.	“[...], formando sílabas, palavras e até frases. Sua leitura está melhorando. Apresenta dificuldades em reconhece alguns números e realizar cálculos.”	“Aluna caprichosa e organizada.[...] É esforçada e tem condições de avançar muito mais, porém deve conversar menos.”
Aluno 8	“[...]Reconhece letras e seus sons[...].Reconhece números [...]mas ainda	“[...] formando sílabas, palavras e até frases. Deve praticar mais leitura em casa. [...]realiza cálculos.”	“Aluno prestativo e capaz.[...] Conversar menos e prestar mais atenção as atividades.”

	tem dificuldades em reconhecer dezena e unidade.”		
Aluno 9	[...]Reconhece letras e seus sons.[...] As vezes apresenta dificuldades em diferenciar palavras de frases.[...] Reconhece números	“[...], formando sílabas, palavras e até frases. [...] realiza cálculos.”	“É um aluno esforçado e prestativo.[...] Apresenta dificuldades em ater-se as suas atividades prejudicando seu desempenho.”
Aluno 10	[...]Reconhece letras e seus sons.[...] Reconhece números	“[...]formando sílabas, palavras e até frases. [...] realiza cálculos.”	“É um aluno prestativo e capaz.[...] Poderia ser mais atento ao realizar as atividades e conversar menos para não se prejudicar e aos colegas.”